

OPINIÃO

ENTRELINHAS

LULA AGRADECE A SUÉLLEN

Durante a inauguração do Instituto Federal em Bauru, nesta sexta (3) de manhã, o presidente Lula, em um telão, numa cerimônia híbrida para todo o País (leia no tópico a seguir), agradeceu à prefeita Suéllen Rosim (PSD) pela doação do terreno para a construção da instituição: “Quero agradecer a todos os prefeitos que colaboraram com o Instituto, em especial a prefeita Suéllen Rosim, de Bauru, que deu um terreno para fazer o Instituto”.

RESTRICÇÕES DA LEGISLAÇÃO

Em função da legislação eleitoral, que veda solenidades de inaugurações a partir deste sábado (4) em todo o País, o Governo Federal inaugurou, simultaneamente, online (daí Lula no telão em Bauru), 12 campi do Instituto Federal no Brasil. A inauguração em Bauru contou com o vice-presidente, Geraldo Alckmin, e sua esposa, Lú Alckmin. Poucos políticos locais compareceram...

CAIADO E KASSAB AQUI

Se na sexta-feira um pré-candidato a presidente da República deu as caras em Bauru, neste sábado (4) é a vez de outro pré-candidato ao Planalto aparecer, este fisicamente. Trata-se de Ronaldo Caiado (PSD). O pré-candidato a vice na chapa de Caiado e presidente nacional do PSD, Gilberto Kassab, também virá à reunião denominada Encontro Regional com Lideranças, no Alameda Hall.

NATALINO E AS ELEIÇÕES

O vereador Natalino da Pousada (PDT) informa à coluna que esteve na última quinta-feira (2) em São Paulo, com o presidente nacional de seu partido, Carlos Lupi, e recebeu convite para ser pré-candidato a deputado federal na eleição deste ano. Ficaram de conversar novamente antes de o vereador dar o aceite, o que é bem provável que aconteça nas próximas horas.

COMÉRCIO E A ZONA AZUL 1

As entidades ligadas ao comércio de Bauru - Câmara dos Dirigentes Lojistas (CDL), Sindicato do Comércio Varejista de Bauru e Região (Sincomércio), Associação Comercial e Industrial de Bauru (Acib) e Sindicato dos Empregados no Comércio de Bauru e Região (Sincomerciários) se reunirão nos próximos dias para discutir o novo sistema de zona azul implantado pela Prefeitura. A reunião foi marcada antes da decisão de Suéllen de cancelar a ampliação da Zona Azul e as multas já aplicadas. Leia sobre isso nas páginas 7 e 8.

COMÉRCIO E A ZONA AZUL 2

O novo sistema gerou reclamações da população, entidades e de vereadores que instauraram uma CEI para apurar aspectos jurídicos, financeiros, operacionais e tecnológicos relacionados ao contrato entre a Emdurb e o Consórcio Park Bauru.



A Copa do Mundo como propaganda eleitoral

ZARCILLO BARBOSA

A Copa do Mundo de Futebol historicamente sempre foi considerada um importante ativo eleitoral pelos marqueteiros. Benito Mussolini se utilizou da Copa da Itália, em 1934, para alardear a eugenia fascista. Tratava-se de uma pseudociência destinada à seleção de característica genéticas consideradas “superiores”, para criar uma super raça. Desde então os governos se utilizam da comoção gerada pelo esporte para dominar a atenção pública, promover identidade nacional e obter dividendos eleitorais.

No governo Emílio Garrastazu Médici (1970), a seleção canarinha conquistou o “Tri”, no México, com Pelé, Tostão, Jairzinho, Rivelino, Gerson e companhia. A ditadura militar apropriou-se da vitória para promover o ufanismo, mascarar a repressão e legitimar o governo em tempos de “Brasil, Ame-o ou Deixe-o”. Apesar do país viver os seus “anos de chumbo”, com censura total à imprensa, aos professores e até às artes, vivíamos o “Milagre Econômico” de Delfim Netto e Roberto Campos. Tínhamos um PIB médio de mais de 11%, de dar inveja aos chineses de hoje. O Produto Interno Bruto refere-se ao fluxo de produção anual. Não indica a qualidade de vida, a desigualdade social, já que não mostra como a renda é distribuída entre a população. Havia, sim, pleno emprego, mas nada que justificasse o uso liberal da tortura e as mais graves

violações dos direitos humanos da nossa história.

“Pra frente Brasil – setenta milhões em ação, pra frente Brasil, salve a seleção” – dizia a marchinha. Hoje somos 213 milhões e os problemas econômicos continuam. O grande censor de agora é o Supremo Tribunal Federal.

O técnico da seleção brasileira, à época, era o jornalista João Saldanha, abertamente um militante comunista. Negou-se a atender um pedido do presidente Médici que sugeria a convocação de Dadá Maravilha, centroavante do Atlético Mineiro e o quarto artilheiro do nosso futebol, com 926 gols marcados. “O Médici escala o Ministério e eu escalo a seleção” – respondeu Saldanha. Foi demitido e Zagallo chamado para sucedê-lo e assim conquistar o tricampeonato. Diplomático, Zagallo convocou Dadá Maravilha que não jogou sequer um minuto na campanha do México.

Nem só de demagogia política está afeito o futebol. Em 1969, o Santos de Pelé fez um amistoso na África, em Benin, país envolvido numa sangrenta guerra civil. Os ibso e os hansa, etnias em conflito armado, rapidinho concordaram com um cessar-fogo para que todos pudessem assistir em paz ao jogo no Estádio de Cotunu, o maior do Benin. No desfile em carro aberto pelas ruas centrais, a multidão era tão delirante que o Rei do Futebol teve que ser substituído por um sócia, por segurança.

Estraga festa é o Trump. Péssimo anfitrião. O presidente dos Estados Unidos criou problemas com vistos, aproveitou o evento para perseguir imigrantes e intensificar sua cruel política de deportação. Esquece Donald Trump que ele próprio é filho de uma imigrante escocesa que se casou nos EUA com um imigrante alemão. Melania, esposa de Trump, nasceu na Eslovênia e imigrou para os Estados Unidos onde foi modelo. Recentemente Trump foi derrotado na Suprema Corte quando tentava vedar o direito de filhos de imigrantes nascidos nos EUA se tornarem cidadãos americanos.

Aqui no Brasil, a direita e a esquerda se digladiam para vincular a camisa amarela apostando no discurso patriótico. Os bolsonaristas chegaram primeiro, mas o lulismo busca formas de romper essa relação com o uso das cores da bandeira nacional em sua campanha.

Flávio Bolsonaro, senador pré-candidato à Presidência da República, comemorou a convocação de Neymar, declaradamente bolsonarista. Lula, para desdenhar, disse que o camisa 10 é o “primeiro convocado home office do mundo”, mencionado em post nas redes sociais. Neymar está se recuperando de uma lesão na panturrilha. Jogou 21 minutos contra o Haiti mas precisa aprimorar condicionamento físico e ganhar ritmo de jogo.

● O autor é jornalista

Quando o amor pede licença e o ódio bate ponto

WELLINGTON ANSELMO MARTINS

Há lugares onde o amor é proibido e o ódio liberado? Essa parece ser uma contradição moral silenciosa em alguns contextos institucionais modernos: eles temem os vínculos que tornam as pessoas menos manipuláveis, mas promovem as forças que as tornam solitárias.

O amor, a amizade, a lealdade e o cuidado são muitas vezes tratados como riscos: risco de favoritismo, risco de distração, risco de conflito, risco de descontrolo... A hostilidade, ao contrário, raramente recebe esse nome. A hostilidade aparece domesticada como competição, produtividade, individualismo, cobrança, resiliência, ambição. Assim, a ter-

nura hoje precisa justificar-se; enquanto a dureza parece natural. O problema obviamente não está em toda regra que limita relações íntimas no trabalho, pois há situações em que a norma protege contra abuso, assédio, autoritarismo e injustiça. O problema ocorre quando a instituição protege-se do afeto mais do que protege as pessoas da crueldade.

Uma organização eticamente saudável não deve proibir que os seres humanos se reconheçam; deve impedir que esse reconhecimento seja convertido em formas de privilégio, coerção ou outras formas de violência. A diferença, aqui, é importante: uma coisa é regular o poder; outra, muito sombria, é suspeitar da humanidade.

Por isso, a pergunta é que tipo de alma social uma instituição cultiva. Quando o afeto é vigiado e a rivalidade é premiada, forma-se um típico ambiente onde cada pessoa aprende a sobreviver contra as outras, não com as outras. Nesse mundo, o discurso de ódio nem precisa ser declarado: basta organizar a vida de modo que ninguém possa confiar em ninguém.

Talvez uma das barbáries contemporâneas centrais não seja a ausência de regras, mas a centralidade de regras que administram e até censuram a proximidade ao passo em que deixam a frieza governar.

● O autor é mestre em Filosofia (Unesp)